

A AQUISIÇÃO DO NOME NU SINGULAR E DO NOME DEFINIDO NA POSIÇÃO PÓS-VERBAL NO PB

Luciana Santos Brito (PIBIC/CNPq), Ronald Taveira da Cruz (Orientador: Departamento de Psicologia – UFPI)

1 Introdução

Este trabalho procura entender como ocorre a aquisição do nome nu e do nome definido na posição pós-verbal no Português do Brasil (PB), por isso tem como principal objetivo descrever e analisar se as crianças durante o processo de aquisição da linguagem no PB (Português do Brasil) fazem a distinção (caso haja) entre o nome nu singular (NNS) e o nome definido na posição pós-verbal. Nesse sentido buscou-se a contribuição de alguns teóricos como, por exemplo, Augusto (1995), Del Ré (2006), Enç (1991), Freire (2005), Scarpa (2001), Von Heusinger & Kaiser (2003), entre outros, a fim de verificar se essa diferenciação ocorre durante o processo de aquisição da fala no PB.

2 Metodologia

Como forma de adequar explicativa e qualitativamente a pesquisa, foram analisados testes de dados de compreensão com quatro crianças, com idade média de 2 a 4 anos, ou seja, ambas estão em pleno processo de aquisição da linguagem (PB). Essa análise teve como intuito verificar se as mesmas fazem distinção entre o uso do nome nu singular (NNS) e do nome definido no que diz respeito ao traço de especificidade, sendo que ambos foram cedidos pela professora Dr^a. Teresa Cristina Wachowicz (UFPR).

3 Resultados e discussão

No desenvolvimento do PIBIC 2009/2010 ficou clara a necessidade de contrastar no processo de aquisição da linguagem no Português do Brasil (PB) o nome nu singular e os nomes acompanhados de artigos definidos, pois de acordo com Enç (1991), Von Heusinger & Kaiser (2003) e Taveira da Cruz (2008), entre outros teóricos, há uma distinção entre eles acerca da especificidade.

Para que a pesquisa fosse realizada foram utilizados os arquivos de falas de quatro crianças com idade média de 2 a 4 anos. Nos primeiros arquivos averiguados, as falas incluíam falas agramaticais o que dificultou o processo de análise e descrição, sendo assim decidiu-se pelo descarte dos dados de uma das crianças.

7. Mãe: Chame (chama) o papai. Vai lá chamá (chama) o papai pra mamãe... hein, bebê!

Criança: *Papá* (papai).

Mãe: Chama o papai lá pra mamãe... fale, papai vem tomá (tomar) café!

Criança: *Ráá...*

Mãe: Você já tomô (tomou) café? Tomô (tomou) café já? Fale: eu tomei mamá, mamãe. Só mamá!

Criança: *Bá, bá...*

Mãe: Então chame (chama) o papai pra tomá (tomar) café.

(B.: 1 ano e 7 meses)

O traço de especificidade, segundo Taveira da Cruz (2008), ocorre apenas com nominais na posição pós-verbal, sendo que os nomes nus singulares (NNS) parecem ser menos específicos [-esp] do que os nomes definidos que se apresentam como [+esp].

Como forma de verificar se as proposições dos teóricos citados no projeto ocorriam com crianças adquirindo a linguagem, foram selecionados os arquivos das outras três crianças para que se pudesse fazer uma investigação mais detalhada. Os dados, realçados em *itálico*, mostraram que ambas as crianças produzem nomes nus singulares e nomes definidos na posição pós-verbal no PB durante o processo de aquisição da linguagem.

8. Situação: Mãe pedindo que o filho chame a cadela de estimação.

Mãe: Tá (está) aí? Mas eu não to (estou) enxergando ela. Cadê a Tagarela?

Criança: Tá (está) qui (aqui) dento (dentro)?

Mãe: Chama ela pra mim. Chama!

Criança: Dexe (deixa), eu vou tilá (tirar) *foto!*

(A.: 2 anos e 7 meses)

9. Situação: Mãe contando história.

Mãe: Olha o que ele fez! (Referindo-se a gravura no livro)

Criança: Lavo (lavou) *a mão?*

(B.: 2 anos e 11 meses)

Segundo a visão proposta por Enç (1991) um nome com traço [+ esp], presença de artigo definido, estabelece uma relação de subconjunto de um conjunto previamente estabelecido. Seguindo a ideia do teórico, foram destacados duas falas as quais mostram a utilização do traço [+ esp] no PB, o mesmo está destacado em itálico:

10. Criança: Vai passíá (passear)?

Tio: Vô (vou), tchau!

Criança: Põe *a sandália* (a sandália)...

Tio: Põe a sandália. O tio tiro (tirou) a sandália, né? Tá (está) bom!

(A. L.: 2 anos e 1 mês)

11. Criança: eu vô (vou) ganhá (ganhar) *a ôpa* (a roupa) do papai, eu!

Irmão: Vai ganhá (ganhar) a roupa do papai?

Criança: vô (vou).

(B.: 3 anos e 3 meses)

Nos exemplos citados acima percebe-se que o artigo *a* fornece uma relação de inclusão, dando assim ao nome *roupa* uma característica mais particular, ou seja, um traço [+ esp].

De acordo com a literatura que trata dos nominais os NNS tem escopo estreito da mesma forma como os nomes não-específicos. Sendo assim, pode-se dizer que ambos possuem uma forte ligação entre si.

NNS ↔ Nomes não-específicos

12. Criança: O papai foi pagar uma conta.

Mãe: ã...

Criança: Depois, eu fui no (ao) jogo...

Mãe: Jogo, que jogo?

Criança: O Jogo pa (para) compá (comprar) *fichinha*.

Mãe: E ganharam muitas fichas?

Criança: É... foi lanche co (com) papai.

(A.: 3 anos e 8 meses)

O dado selecionado exemplifica a proposição elaborada por Enç (1991), o nome nu *fichinha* aparece na sentença com escopo estreito e apresentando em contexto não-específico, dando ao leitor a liberdade de interpretação do seu significado.

Como foi possível observar a partir dos dados apresentados nesse relatório percebeu-se a possibilidade de as crianças durante o processo de aquisição da linguagem fazerem uso de ambas leituras: a específica e a não-específica.

4 Conclusão

Perante a análise feita, percebeu-se a possibilidade de as crianças com faixa etária por volta de 2 a 4 anos, falantes do Português do Brasil, oscilarem entre ambas as leituras com traços [+ esp] e [- esp]. Sendo assim a hipótese estabelecida no projeto por Taveira da Cruz (2008) de que “as crianças adquirindo o PB podem oscilar entre leituras específicas e não-específicas”, parece se confirmar, os dados

apresentaram evidências de que as crianças fazem o uso de ambas estruturas durante o processo de aquisição da linguagem.

Pelo que foi detectado até o momento a probabilidade de a suposição levantada no projeto ser confirmada é bastante positiva o que só acrescentará mais pontos ao final da pesquisa, no entanto, ressalta-se que com uma futura análise mais detalhada, será possível ver se a hipótese proposta pode ou não ser comprovada com mais precisão.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição. Nome Nu. Nome Definido.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, M. R. A. Teoria gerativa e aquisição da linguagem. *Sitientibus*. Feira de Santana, n. 13, p. 115-120, jul./dez. 1995.

ENÇ, M. **The semantics of specificity**. *Linguistic Inquiry* 22, 1991. p. 1-25.

DEL RÉ, A. A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática. In:_____. **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística** [org.]. São Paulo: Contexto, 2006. p.13-40.

DUARTE, I. O problema da unificação linguística: a resposta generativista. XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 2003. p. 1-26.

FREIRE, G. A. N. Variação e mudança lingüística na perspectiva da gramática gerativa. In:_____. **Variação e mudança linguística na complementação sentencial do português europeu**. Monografia de graduação. Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2005. p. 1-12.

OLIVEIRA, R. P. d. **Semântica formal**: uma breve introdução. Campinas. São Paulo: Mercado das Letras, 2001. Coleção idéias sobre Linguagem.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. V. 2, p. 204-229.

VON HEUSINGER, K. & KAISER, G. A. Animacy, specificity, and definiteness in spanish. In:_____. **Proceedings of the workshop “semantic and syntactic aspects of specificity in romance languages”**. Arbeitspapier 113. Fachbereich Sprachwissenschaft, Universität Konstanz, 2003. p. 67-101.

